
ESCRITAS DE VIDA, COSTURA DE SONHOS: interseccionalidade e subjetividades juvenis em diálogo com a sociologia

*Elisângela da Silva Santos
Rubens Arley de Almeida Junior
Gabriela Mariah Nascimento de Souza*

Resumo

O artigo descreve o resultado da aplicação de um projeto de ensino desenvolvido com jovens estudantes do segundo ano do ensino médio em uma escola pública. As ações foram desenvolvidas ao longo de um ano e mobilizaram as obras de Rosana Paulino e Conceição Evaristo. Para além de um relato da experiência, objetivamos ressaltar como as poéticas das duas artistas brasileiras, alinhadas ao paradigma interseccional, foram capazes de construir novas práticas educacionais transgressoras, como também de exibir como a realidade atravessa, de formas múltiplas, diferentes configurações de juventudes. Para a exposição do argumento, primeiramente apresentamos as características gerais do projeto desenvolvido com os estudantes da escola; posteriormente, expomos as características gerais das obras das artistas, que trazem em suas formas de expressão a necessidade de enaltecer subjetividades, principalmente femininas, fraturadas pelo processo de escravidão e de racismo presentes na sociedade brasileira. Em seguida, destacamos os temas mobilizados pelos próprios estudantes a partir das atividades realizadas em sala de aula, a escrita da poesia e a confecção de fanzines. Concluímos que as novas epistemologias, principalmente aquelas que mobilizam a interseccionalidade como ferramenta analítica, possuem o potencial de transgredir paradigmas escolares pautados pela objetividade, pelo controle, abrindo espaço para trocas afetivas e expressão de subjetividades juvenis diversas.

Palavras-chave: subjetividades juvenis; interseccionalidade; arte e educação; Conceição Evaristo; Rosana Paulino.

WRITING LIFE, SEWING DREAMS: intersectionality and youth's subjectivities in dialogue with sociology

Abstract

This paper describes the results of a learning project applied in the second grade of a public high school class in the interior of São Paulo state. The activities were developed throughout a year and mobilized the work of Rosana Paulino and Conceição Evaristo. Toward an experience report, this study highlights how the poetics of both Brazilian artists, aligned to the intersectional paradigm, were able to build new transgressive educational practices but also make evident how reality crosses different youth configurations in multiple ways. To expose our argument, first, we present the general characteristics of the school project and aspects of both artists' work which express a need to praise subjectivities, especially the female ones, broken by slavery and racism in Brazilian society. Therefore, we analyze the themes mobilized by students through classroom activities such as poetry and fanzine confecting. The conclusion points out that new epistemologies, especially those that mobilize intersectionality as an analytical tool, have the potential to transgress school paradigms based on objectivity and control and consequently create an open space for emotional exchanges as well as for the diversity of subjective youth expressions.

Keywords: youth's subjectivities; intersectionality; art and education; Conceição Evaristo; Rosana Paulino.

ESCRITOS DE LA VIDA, COSTURA DE SUEÑOS: interseccionalidad y subjetividades juveniles en diálogo con la sociología

Resumen

El artículo describe el resultado de la aplicación de un proyecto de enseñanza desarrollado con jóvenes estudiantes del segundo año de la Escuela Secundaria en una escuela pública. Las acciones fueron desarrolladas a lo largo de un año y movilizaron las obras de dos artistas brasileñas, Rosana Paulino y Conceição Evaristo. Además de un relato de experiencia, pretendemos resaltar cómo las poéticas de las dos artistas brasileñas, alineadas con el paradigma interseccional, fueron capaces de construir nuevas prácticas educativas transgresoras, como también observar cómo la realidad atraviesa, de múltiples maneras, distintas configuraciones de juventudes. Para exponer el argumento, primeramente presentamos las características generales del proyecto desarrollado con los estudiantes de la escuela, posteriormente exponemos las características generales de las obras de las artistas, que traen en sus formas de expresión la necesidad de exaltar subjetividades, principalmente femeninas, fracturadas por el proceso de esclavitud y de racismo presente en la sociedad brasileña. Seguidamente, destacamos los temas movilizados por los propios estudiantes a partir de las actividades realizadas en el aula, la escritura de poesías y la confección de fanzines. Concluimos que las nuevas epistemologías, especialmente aquellas que movilizan la interseccionalidad como herramienta analítica, poseen el potencial de transgredir paradigmas escolares pautados por la objetividad, por el control, concediendo espacios para el intercambio afectivo y la expresión de diversas subjetividades juveniles.

Palabras clave: subjetividades juveniles; interseccionalidade; arte y educación; Conceição Evaristo; Rosana Paulino.

ANTES DE ALUNOS, JOVENS

O contexto de inserção do projeto¹ que resulta neste texto está marcado por questões relevantes sobre a disciplina de sociologia no currículo do ensino médio, que no estado de São Paulo vem sofrendo drásticas alterações e reduções de carga horária. As metodologias de ensino estão cada vez mais plataformizadas e com novos processos de regulação da docência: há controle e vigilância excessiva sobre os professores, que ao longo de suas aulas devem atravessar um conteúdo quantitativo, acelerado e preparado por terceiros. Além disso, em meio a uma crise democrática e ao avanço da extrema direita, a disciplina tem sido alvo de críticas reiteradas. A conjuntura tensiona ainda mais a problematização de teorias pretensamente associadas ao progressismo ideológico, com temas estigmatizados e encarados como corruptores dos valores das famílias e do cristianismo. Dessa forma, a sociologia incorpora analiticamente os assuntos historicamente execrados pelos movimentos regressivos da extrema direita brasileira contemporânea.

Assim, o grande desafio da proposta foi pensar ações e metodologias que não esvaziassem ou privassem os estudantes do conhecimento especializado, com o qual a área está comprometida. Na circunstância em questão, os alunos têm em seu fluxo comum uma aula de sociologia na grade semanal do segundo ano do ensino médio, dividido em duas turmas.

Nossa proposta englobou oficinas de escrita, confecção de fanzines e leitura de imagens, a partir de um diálogo interdisciplinar entre as diferentes áreas: as obras de Rosana Paulino, das artes visuais, e de Conceição Evaristo, da literatura. Mas, além dessa dimensão objetiva, nosso olhar também esteve muito atento à compreensão do significado e das práticas de participação social que

¹ Esse projeto foi financiado pela Pró-Reitoria de Graduação da UNESP (Programas Especiais - Núcleo de Ensino).

emergem dos alunos. Este exercício nos possibilitou observar mais de perto as experiências de vida, familiares, o que esses eles almejam e como agem no ambiente escolar.

A partir da concepção de que a prática de ensino em sala de aula consiste em sistematizar estratégias de aprendizagem e em desenvolver metodologias para se comunicar com pessoas – que não vão necessariamente se tornar sociólogos especialistas – é que desenvolvemos nossas ações. Consideramos, principalmente, o protagonismo juvenil, concebido para além da percepção/noção de que são alunos.

Pensar a criança e o adolescente como sujeitos de direito e indivíduos ativos é tarefa recente, uma vez que os dispositivos de saber e poder são pautados por referenciais adultocêntricos e intervencionistas (Abramowicz, 2020). Propõe-se, aqui, realizar um movimento disruptivo, no sentido de trazer à centralidade as pautas e ensejos desses jovens. Nesse sentido, é válido relembrar, com apoio de Augusto (2005), as contribuições de Marialice Foracchi, autora que analisou: a situação, o papel e a polissemia da noção de juventude; o conceito de geração e a coexistência de gerações; os processos de transição para a vida adulta; o estudante como categoria social; e o significado dos movimentos juvenis no mundo contemporâneo, entre outros correlatos.

A juventude é analisada pela autora a partir de um registro tríplice: o reconhecimento de que se trata de uma fase da vida; a constatação de sua existência como força social renovadora; e a percepção de que esta vai muito além de uma etapa cronológica, para constituir um estilo próprio de existência e de realização do destino pessoal (Foracchi, 1965). Como etapa que antecede a maturidade, fase dramática da revelação do eu, essencial para a formação da pessoa, a juventude corresponderia a um momento definitivo de descoberta da vida e da história. A mobilização dos recursos e das potencialidades que possui depende diretamente das alternativas abertas aos jovens por sua inserção social, pelas posições que ocupam, pelos caminhos oferecidos para sua trajetória.

Entre 2015 e 2016, tivemos no Brasil uma série de ocupações das escolas de estudantes secundaristas, nas quais ficaram publicizadas as tensões entre escola e segmentos estudantis de diversos pontos do país, movimento interessante que serviu como grande exemplo de uma agência juvenil. Os estudantes se apoderaram da escola num amplo sentido, e trouxeram materialidade às críticas e frustrações que vêm sendo documentadas pela literatura a respeito da relação dos jovens com a escola. Essa efeméride nos leva a concluir que esses estudantes trouxeram consigo novos desafios à escola, e a necessidade de construção de agendas que reflitam sobre anseios e desejos de uma parcela da população vista, muitas vezes, de maneira estereotipada, como inativa e desocupada. Na nossa percepção, isso pode vir a ser um interessante espaço para se pensar a circulação de conhecimentos, sociabilidades e subjetividades que compõem a vida escolar, mas não se esgotam na escola.

José Gimeno Sacristán (2005) observa que muito se discute o quanto as categorias etárias como juventude, adolescência ou infância referem-se a construções sócio-históricas, mas pouco se reflete sobre o quanto a noção de aluno também é inventada. A partir da massificação da escolarização, haveria, segundo o autor, uma associação direta e naturalizada entre as condições de aluno e criança/adolescente/jovem. No entanto, o que observamos no decorrer do ano em que estivemos muito próximo desses alunos é que suas necessidades, anseios e sonhos estão muito atrelados às condições sociais em que estão inseridos. Trata-se, nesta pesquisa, de uma escola localizada na periferia de uma cidade média paulista, que atende a um público majoritariamente composto por indivíduos que também habitam a periferia.

Nesse sentido, nosso trabalho, ao abordar práticas de ensino de sociologia, se inscreve em uma longa tradição ancorada nos estudos sobre a juventude a partir da instituição escolar (Spósito; Tarábola, 2017). Embora a escola ainda seja um espaço privilegiado de acesso à juventude, não se

busca delinear seu espaço como um formador unilateral, ou seja, não é somente a escola que faz a juventude. A condição juvenil transborda a escola. Suas múltiplas facetas devem ser levadas em consideração tanto na prática pedagógica, quanto na pesquisa científica. Dessa maneira, a pesquisa de Fayet Sallas e Meucci (2021) nos convida a pesquisar e estar na escola enfocando as emoções e subjetividades como elementos centrais para analisar os processos de sociabilidade e construir alternativas de ensino-aprendizagem. A ótica da sociologia das emoções permite uma abordagem pedagógica mais sensível à juventude no ensino médio, essa fase marcada pela revelação do eu.

Mesmo sob condições desfavoráveis para o desenvolvimento de atividades da disciplina de sociologia, em um contexto escolar que prioriza como discurso uma escola voltada para a aquisição de habilidades e competências que visam a formar mão de obra, apostamos em uma iniciativa que partiu de diferentes manifestações artísticas. Isso porque a arte expõe perspectivas diversas, criativas e emergentes, e, muitas vezes, no nosso cotidiano docente, observamos que ao se falar de obras de arte existe uma marca de aspectos elitistas e pouco afeitos a uma ampliação de público (Setton, Oliveira, 2017). No entanto, os atos de inventar e criar ainda habitam a escola, mesmo que a instituição seja constantemente encarada como o local da norma e da objetividade, onde o estudante passará boa parte de sua vida, e a partir dela forjará suas expectativas de futuro visando mobilidade social, empregabilidade e estabilidade.

Entendemos, como apontou bell hooks (2013), que a perspectiva multicultural nos obriga a reconhecer as estreitas fronteiras que moldam o modo de compartilhar o conhecimento, e que, nesse contexto, professores são convidados a aceitar a aprendizagem de novos paradigmas e epistemologias que estão envolvidas no processo de aprendizagem contemporâneo. A autora compreende que um processo de ensino-aprendizagem verdadeiramente transgressor precisa reconhecer a presença da diversidade e da subjetividade na sala de aula, aceitando o corpo no ambiente escolar, onde apenas a mente e a racionalidade se consolidaram como princípios educacionais, de modo a banir a corporalidade de cena.

bell hooks (2013), então, evidencia que não basta apenas trabalhar, a nível programático, conteúdos marginalizados que sejam coerentes com as relações de raça, classe e gênero que interseccionam a escola, mas que é necessário transformar as práticas educacionais, consolidando uma comunidade de aprendizagem. Isso significa que conteúdos científicos e metodologias pedagógicas que dialoguem com a pluralidade de epistemologias emergentes das juventudes possibilitam um processo em que os estudantes possam “encontrar sua própria voz”. Assim, esse trabalho se inscreve em uma tendência pedagógica contemporânea, construída no diálogo com as teorias decoloniais e com a noção de interseccionalidade (Collins, 2019) como base para o ensino de sociologia.

Dentro dessa perspectiva, as atividades desenvolvidas em sala de aula proporcionaram aos estudantes a oportunidade de estabelecerem uma conexão entre suas trajetórias individuais e os conteúdos sociológicos abordados durante as aulas. Tal articulação contribuiu tanto para o processo de formação desses sujeitos enquanto indivíduos críticos a partir da promoção da subjetividade por meio da arte, quanto para a perpetuação das reflexões científicas e sociológicas exigidas pelo currículo². Assim, os debates realizados no decorrer da atividade pedagógica abordaram as questões étnico-raciais, o papel da mulher na estrutura patriarcal e a importância da

² O conteúdo abordado nesta atividade está em conformidade com as diretrizes da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do Ensino Médio, conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com ênfase na habilidade EM13CHS601, que propõe a análise das demandas políticas, sociais e culturais de indígenas e afrodescendentes no Brasil contemporâneo, em articulação com os processos históricos das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na sociedade atual (Brasil, 2018, p. 565).

reflexão sobre as estruturas de poder que definem o cânone artístico, e fizeram com que esses jovens pudessem refletir sobre o contexto social no qual eles estão inseridos.

A juventude, enquanto um momento de descoberta da vida, se revela também como um momento de descoberta de si (Foracchi, 1965), de maneira que o processo educativo deve impulsionar positivamente a construção de identidade e subjetividade desses alunos, ajudando-os a se reconhecerem como sujeitos.

BORDANDO FUTUROS E ESCRREVENDO MEMÓRIAS: O ENSINO DE SOCIOLOGIA PROVOCADO PELA ARTE

As atividades do projeto tiveram como objetivo principal trazer um debate sociológico que tentasse ampliar o repertório docente e o estudantil a partir de poéticas visuais contemporâneas, através da obra literária de Conceição Evaristo e das obras visuais de Rosana Paulino. No trabalho de ambas as artistas, a abordagem do tema da interseccionalidade está muito presente. Além disso, a leitura imagética e literária pode nos conduzir a olhar de “outro modo” a história e as relações sociais.

Dividimos as ações desenvolvidas ao longo do projeto em dois semestres: no primeiro semestre, explorando temas e atividades ligados à linguagem da literatura e, no segundo semestre, às artes visuais. Iniciamos nossas atividades na escola com o objetivo de apresentar aos estudantes do segundo ano do ensino médio o conceito de *escrevivência*, e problematizar a ideia de quem e o que se pode escrever no Brasil.

A atividade inicial teve o formato de aula, conduzida pela equipe do projeto, sobre os escritores canônicos. No segundo momento, trabalhamos conceitos como racismo, preconceito e gênero, e finalizamos com a leitura do conto *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo (2018). Esta aula tinha como objetivo propor que eles começassem a escrever um poema. Fundimos à proposta um projeto da professora da sala de leitura: um concurso de poesias cujo tema era a diversidade cultural.

A segunda semana de atividades foi caracterizada pelo início da formulação das poesias, que foram organizadas a partir de grupos escolhidos pelos próprios alunos. Inicialmente, nós aplicamos uma oficina de escrita na qual trabalhamos algumas ferramentas para iniciar o processo de produção poética deles, sugerindo técnicas como a “tempestades de ideias” e as concepções de poesia marginal desenvolvida pela autora Audre Lorde (2020). Nós também organizamos uma leitura em ciranda do conto *Maria*, de Conceição Evaristo (2018), seguida de uma roda de debates. O exercício abriu brecha para discussões de diversos temas inseridos no campo das ciências sociais, como, por exemplo, pobreza, formas de trabalho feminino, racialização da pobreza, exclusão, infância, escolarização, maternidade solo e segregação urbana. A partir disso, os grupos formados passaram a organizar poesias em torno de temáticas que eram escolhidas por eles próprios – atividade que se estendeu até o início da terceira semana, quando houve a culminância da atividade, a revelação dos ganhadores e destaques do concurso. Os jovens trataram sobre diferentes assuntos como a escola, a desigualdade social, o namoro, a amizade, o amor, a violência doméstica, o futebol e o racismo no ambiente escolar.

Durante o segundo semestre, as atividades desenvolvidas envolveram discussões sobre a questão das artes visuais. Novamente, destinamos uma aula para apresentar a artista Rosana Paulino, suas obras e também para problematizar o tema do trabalho feminino, já que a artista reflete como atividades de bordados, costuras e artesanias diversas são menosprezadas pela sociedade, mal remuneradas e vistas como menores.

O segundo semestre é muito corrido para as escolas públicas paulistas, pois existem diversas demandas instituídas pelo Estado no calendário escolar. Além disso, nesse momento os estudantes não são muito frequentes, o que dificultou um pouco o desenvolvimento da atividade proposta, que seria a confecção de um fanzine, envolvendo o tema do trabalho, das memórias e o que mais eles quisessem retratar. Levamos muitas imagens tematizando personalidades e objetos que lembrassem a cultura afro-brasileira, tentando abarcar uma diversidade presente nas artes, na música, na literatura e na pintura.

Evaristo e Paulino ressaltam em seus trabalhos um desejo de mudança e de representação de desigualdades históricas presentes na sociedade brasileira. São exemplos que ilustram as discussões sobre a posição subalterna da mulher negra na sociedade. Para Heloísa Buarque de Hollanda (2020), a arte apresenta agendas que são frequentemente pioneiras em relação aos estudos acadêmicos. Além das artes visuais, a autora aponta a poesia e sua extraordinária potência política e conscientizadora, e a literatura, como recurso político e transformador. A arte, nesse enfoque, possui um potencial transformador e crítico, tornando-a indispensável na escola.

ESCREVER E BORDAR NAS POÉTICAS NEGRAS

Historicamente, é possível delinear um processo de crítica e ruptura com os paradigmas artísticos canonizados pela masculinidade branca e europeia. A apropriação, subversão e negação foram e ainda são parte do movimento de descolonização das artes impulsionado por grupos sociais aos quais foi negado o *status* de agência artística, sendo constantemente objetificados e violentamente reduzidos a estereótipos e imagens fixas.

Mulheres negras, em toda a diáspora, permanecem contestando essa posicionalidade e reivindicando para si formas outras de se fazer arte. Conceição Evaristo (2020) identifica que as mulheres negras se apropriaram historicamente da escrita como ferramenta de autorrepresentação, de maneira a fugir das imagens de controle (Collins, 2019) inventadas pela branquitude. Desse processo de “[...] assenhorar-se da pena” (Evaristo, 2020), emerge o que a autora chama de *escrevivência*, a qual

[...] acaba por se aplicar a toda uma geração de escritoras negras que imprimem em seu texto o desejo de que as marcas da experiência étnica, de classe ou gênero estejam realmente representadas no corpo do texto literário (Cortês, 2018, p. 52).

Nesse sentido, ao escrever as experiências coletivas e históricas vivenciadas pelo corpo negro feminino, escritoras negras fundaram uma poética que não apenas narra o mundo, mas que também é capaz de criar outras possibilidades de mundo, e suas utopias (Evaristo, 2010).

A *escrevivência*, então, emerge enquanto um projeto estético-político e epistêmico (Torres, 2023), cunhado por Conceição Evaristo, mas que a transborda, sendo estendido não somente a uma dimensão coletiva construída por escritoras contemporâneas, mas que também delinea um fio de ancestralidade, perpassando múltiplas experiências afrodiáspóricas.

Ao considerar a *escrevivência* como uma “potência sígnica”, Nazareth Fonseca (2020) evidencia a pluralidade e o caráter aberto da noção de *escrevivência*, a qual “[...] passa a significar a expressão de uma subjetividade negra feminina que tanto pode valer-se de estratégias discursivas próprias à revelação de um eu negro, quanto anunciar uma voz coletiva que assume as experiências femininas negras” (p. 65).

A literatura de Evaristo e o projeto *escrevimente* como um todo nos revela a potencialidade, ao se narrar aquilo que é historicamente silenciado. Compreende-se, então, de que modo a poética

forjada pelas mulheres negras se constitui como arma que busca desestabilizar o poder de nomeação e significação coloniais que a poética inventada pela branquitude masculina ainda detém sob sua hegemonia.

A poética não se restringe à *palavra poética*, na medida em que imagens, sonoridades, performances e gestualidades também podem ser concebidas enquanto texto, e, portanto, enquanto seus componentes. Nesse sentido, é possível dizer que as imagens de controle (Collins, 2019) habitam o imaginário popular por meio dessa poética colonial, a qual incorporada e reproduzida no cotidiano acaba por estabelecer uma determinada subjetividade que entende e age no mundo, fundamentada no racismo e na misoginia.

Denise Ferreira da Silva (2019) identifica na produção artística de mulheres negras uma Poética Negra Feminista, a qual desafia o modelo eurocêntrico de produção de conhecimento. Essa poética parte do princípio de que a racionalidade – como pensada pela epistemologia ocidental – sempre produzirá violência e não é capaz de emancipar o corpo feminino negro da violência colonial, sendo necessário, então, abraçar a intuição e a imaginação como ferramentas de produção e validação de conhecimento, com o objetivo de “[...] des-organizar, de-formar, des-pensar o mundo” (Silva, 2019, p. 91). A Poética Negra Feminista anuncia a morte do mundo como o conhecemos, e estabelece o desafio de desmontá-lo, construindo outras possibilidades que fujam desses desígnios. Entretanto, para disputar os mundos por vir, é necessário enfrentar a violência, nomeando-a. Como diz Jota Mombaça (2021), nomear a norma é o primeiro passo rumo a uma redistribuição de gênero e anticolonial da violência, porque a norma é o que não se nomeia, e nisso consiste seu privilégio.

Tina Campt (2018) propõe que a imagética negra possui essa possibilidade de nomear a violência, interpelando o espectador. A autora defende que na modernidade não se constitui verdadeiramente um direito de olhar, marcado pela autonomia e liberdade do indivíduo de escolher o que contemplar, mas sim um direito de desviar o olhar da violência cotidiana contra pessoas trans, *queer*, negras e outras pessoas de cor.

Dessa forma, a visualidade negra (Campt, 2018) se opõe à “autonomia” e à “liberdade” de se desresponsabilizar diante da violência, transformando o espectador em sua testemunha, e direcionando seu olhar para a violência ou para as estratégias de resistência a ela. Assim, “[...] artistas negros estão criando formas de visualidade negra na qual o corpo negro é mobilizado ao mesmo tempo enquanto sujeito e sujeitado; destruído e ressurgente; abjeto e resplandescente” (Campt, 2018).

Ao nos debruçarmos sobre a obra de Rosana Paulino, compreendemos que a artista pode ser interpretada por esse panorama da visualidade negra e da Poética Negra Feminista, alinhando-a a esse projeto político e estético. Paulino recusa naturalizar e objetificar o corpo negro, ao elucidar os mecanismos coloniais de violência histórica e científica, de maneira que o espectador não pode se manter neutro diante da imagética construída.

A artista constrói suas imagens a partir de um movimento de releitura, intervenção, colagem e costura das fotografias do chamado arquivo colonial (Sharpe, 2023), que reúne fotografias de pessoas negras ao longo dos séculos XIX, XX e XXI. Nessa operação, Paulino evidencia violências, silenciamentos e agências costumeiramente ignoradas pela narrativa da branquitude, de maneira a tornar sua obra um testemunho da existência negra. Na série *Bastidores* (1997), a artista mobiliza fotografias de mulheres cindidas por marcas nos olhos, boca, garganta e testa, feitas a partir da técnica da sutura. Nesse caso, o bordar e o costurar são mobilizados para evidenciar a grave ferida que atravessa a história brasileira e que insistentemente violenta mulheres negras, de modo que a artista “[...] ressignifica a ‘ideia de costura’ como ‘próprio tecido social’ do Brasil.” (Schulze, 2023,

p. 62-63). Além disso, a sutura rememora o trabalho da costura, mal remunerado e marginalizado, na medida em que é genericado e racializado.

Paulino, então, transforma o espectador em testemunha da violência que ocorre nos *bastidores* da vida pública, a violência escondida no domínio privado, inclusive podendo remeter à violência doméstica (Santos, Lopes, Pinto, 2022). A sutura permanece presente e atravessa a produção da artista. Contudo, o bordar, para além de explicitar a violência histórica contra os corpos negros, também é capaz de imaginar ou fabular as resistências e destinos outros para essas histórias, contra-interpelando as narrativas de catástrofes continuamente produzidas pela poética colonial. Na série *Assentamento* (2013), Paulino mobiliza a sutura como forma de reler a fotografia científica de uma mulher escravizada, fabulando outros sentidos:

Eu dou um coração a ela, porque essa pessoa teve uma vida, teve sentimentos. Na outra imagem, nós temos um feto, representando que assentaram um país, assentaram uma cultura. E na última, nós temos as raízes, mas são veias também, representando que essa história também está fundamentada no sangue. (A Costura [...], 2019, 20min 10s).

Evidencia-se que as poéticas negras, sejam elas as visuais ou as literárias, promovem tanto o testemunho diante da violência quanto também vislumbra a vida para além dela. A *escrevivência* e a sutura, ao rememorar a ancestralidade, conectando e relendo as relações entre passado e presente, permitem imaginar outras formas de mundo, para além do colonial.

POESIA COMO MECANISMO DE EXPRESSÃO DA SUBJETIVIDADE JUVENIL

A escrita poética dos estudantes envolvidos na proposta pôde servir como um canal de comunicação com os anseios juvenis. No decorrer da atividade, propomos a liberdade de escolha das temáticas das poesias, fator que corroborou para que esses jovens pudessem se expressar de forma autêntica dentro de uma linguagem lírica. Os jovens abordaram diferentes assuntos, como a escola, a desigualdade social, o namoro, a amizade, o amor, a violência doméstica, o futebol e o racismo no ambiente escolar. Inicialmente, eles demonstraram insegurança em relação à escrita poética; no entanto, à medida que o tempo avançava, o engajamento tornava-se progressivamente mais intenso. Inclusive, foi possível notar que as estudantes do gênero feminino tiveram uma maior participação nas atividades, fator que explicita o quanto refletir sobre as suas próprias emoções ainda é visto como algo estigmatizado na sociedade patriarcal.

No texto *O direito à literatura*, Candido (2011) conceitua a literatura como um direito humano universal a partir da capacidade de fabulação dos indivíduos expressa por meio da escrita. Segundo o autor, a literatura é caracterizada por ser uma construção de objetos autônomos com estrutura e significado, uma forma de expressão dos sentimentos (individuais e coletivos) e uma forma de conhecimento. No contexto escolar, a criação lírica exerceu um papel humanizador, uma vez que a escrita serviu como ferramenta de organização dos sentimentos. Diante disso, o processo de interpretação das poesias foi pautado nas temáticas abordadas pelos estudantes nos materiais poéticos. Agrupamos as poesias³ em três categorias principais, sendo elas: a) poemas abordando o ambiente escolar; b) poemas abordando o amor; c) poemas abordando uma desesperança

³ As poesias foram produzidas em grupo pelos estudantes ao longo das atividades, e optou-se por manter o anonimato dos alunos por razões éticas, considerando que se tratam de menores de idade e que os textos tocam em temas sensíveis a eles.

generalizada. A seguir, iremos apresentar as poesias que abordam a perspectiva dos jovens em relação ao ambiente escolar:

Ó Saudade

Quando chego na escola
Me dá vontade de dormir
Pois lá parece uma prisão
Tenho memórias
De quando lá não havia
Racismo e nem preconceito
Quando todos brincavam juntos
Que não tinha espaço para a ansiedade
E nem crise de pânico
De um tempo
Que lá era só felicidade...
Ó saudade!

A Escola, o Futuro

A amizade no tempo que a escola me trouxe
Me mostrou que mesmo que me sentindo em cárcere,
Tem felicidade
Me trouxe saudades
Que vem com memórias
Memórias que em um futuro
Serão histórias
Contudo, com ternura e carinho
Lembranças de companheiros e amigos.

Em princípio, é possível observar uma associação direta entre o ambiente escolar e a sensação de aprisionamento em ambas as poesias. As particularidades manifestadas na poesia *Ó Saudade* emergem a partir do tom idílico do poema, que reverencia um passado infante em que o racismo era inexistente e não havia problemas relacionados às crises de pânico, evidenciando a urgência de promover debates sobre as questões étnico-raciais e a saúde mental da juventude contemporânea. Paralelamente, o poema *A Escola, o Futuro* expressa a valorização do afeto dentro do cotidiano escolar, que contrasta com o sentimento de encarceramento imposto por esta instituição. Aqui, a escola também é vista como um espaço penoso, e não como um ambiente que possibilita o aprendizado e o desenvolvimento pessoal. Nesse sentido, o fracasso das reformas educacionais referentes à implementação do novo ensino médio se manifesta na falta de sentido dos conteúdos trabalhados dentro da sala de aula, fazendo com que os jovens compreendam a escola somente como um espaço de socialização juvenil.

Sobre Nós

O amor, o que dizer sobre o amor?
Muitas das vezes
Amar também é deixar ir
Talvez haja saudade
Do seu toque, do seu cheiro
Das suas manias...
Mas sempre que tento te esquecer
A dependência emocional fala mais alto

E eu acabo voltando para os seus braços
E eu não sei descrever
A forma como você
Me destruiu
Eu deixei de me cuidar
Guardei minhas feridas
Que você causou para curar as suas
Enquanto você estava sangrando por fora
Com os pulsos rasgados
Eu estava tentando esconder por dentro
O quanto você rasgou meu coração

Perto Deles

Perto deles eu era pecadora
E a infância
Foi uma tentativa de fugir
De como eles faziam eu me sentir
Na literatura me descobri artista
Porque a família não era família
As palavras escritas nos livros
Me curava das palavras que saíam da boca deles
E me feriam
Perto deles eu era pecadora
E o meu amor não é amor
O que sinto é errado
E é fruto do pecado.

As relações amorosas desempenham um papel de significativa relevância na experiência existencial dos indivíduos, especialmente na juventude. Desse modo, o poema *Sobre Nós* expressa o sofrimento e a dor do eu-lírico dentro de uma relação que foi marcada pelo sacrifício e pela secundarização de si mesmo. O autorreconhecimento da autora quanto à sua dependência emocional contrapõe-se ao afeto e à carência que ela experimenta em relação ao seu amado. Mais uma vez, evidencia-se a relevância da arte como um meio de canalização das emoções na juventude. Outrossim, a poesia *Perto Deles* aborda o amor a partir dos conflitos presentes na relação familiar do eu-lírico. Aqui, a autora discorre sobre a literatura como mecanismo de fuga de um núcleo familiar preconceituoso e agressivo. Assim, a capacidade de imaginar possibilitada pela literatura atuou como uma ferramenta de refúgio mental para essa estudante, que enxerga a leitura como uma forma de conforto espiritual.

A Vida

Quando eu acordo
Sinto preguiça
Todo dia é um obstáculo
Às vezes tristeza
Às vezes alegria
A vida é cheia de desafios
Às vezes até a morte é uma esperança
Mas eu pego meu celular e me distraio:
Instagram, tiktok, kwaii
E o que era entretenimento

Vira tédio...
Comer, dormir, ver televisão
No outro dia,
Tem escola de novo
Minha vida é muito conturbada
E ao mesmo tempo
Muito parada.

Acordei pensando em dormir
Acordei pensando em dormir
Logo em seguida
Dou socos furiosos na vida
Gostaria de estar na minha cama dormindo
Mas tenho que trabalhar e estudar
Para ter um futuro melhor
Dinheiro não cai do céu
Temos que ter conhecimento
Para ter uma profissão
E fazer esforços para nossas realizações
Vale a pena acordar?

Por fim, a tonalidade taciturna presente na poesia *A Vida* exprime a sensação de vazio que permeia o cotidiano da sociedade moderna. Nessa composição, o poema retrata o sentimento de inferiorização e a alienação promovida pelas redes sociais, associadas à previsibilidade da rotina e ao tédio decorrente da execução das obrigações formais. Nesse contexto de desesperança e desalento, a morte é apresentada como um horizonte de alívio e esperança para o eu-lírico. Analogamente, *Acordei pensando em dormir* aborda a raiva e a impotência relacionadas às demandas que se impõe sobre o cotidiano da juventude periférica brasileira: trabalhar e estudar. Nessa perspectiva, a responsabilidade pela ascensão social recai sobre o eu-lírico, que experimenta frustração diante dos desafios inerentes a uma dupla jornada de trabalho. É relevante observar que o poema se estrutura como um monólogo introspectivo, fundamentado em uma autorreflexão, na qual, apesar de discorrer sobre as razões que o compeliram a enfrentar a rotina laboral, o eu-lírico conclui o poema questionando se, de fato, vale a pena despertar a cada novo dia.

Em consonância com as produções textuais mencionadas, a socióloga Patricia Hill Collins (2016) enfatiza a importância de adotarmos uma perspectiva plural na construção do conhecimento. Segundo a autora, o processo de dominação envolve a objetificação e a desvalorização da subjetividade do oprimido (Collins, 2016), culminando na supressão da voz do grupo social subalternizado. Nesse contexto, tanto a estrutura administrativa da escola, quanto as práticas efetivamente implementadas no cotidiano escolar, contribuem para o silenciamento das demandas reivindicadas pelo corpo discente. Diante desse quadro, a inserção da arte no ambiente escolar possibilitou, em certa medida, a subversão desse processo, ao proporcionar um espaço seguro para a expressão subjetiva da juventude.

FANZINES COMO FRAGMENTOS DE SONHOS E LEMBRANÇAS

Segundo Magalhães (1993), o termo *fanzine* é resultado da forma contraída das palavras inglesas *fanatic* e *magazine*. Esse tipo de publicação impressa tem suas primeiras aparições na década de 1930, nos Estados Unidos, inicialmente como um tipo de publicação de histórias de ficção científica, para posteriormente ampliar seus temas em histórias de quadrinhos, terror, literatura policial, bem como música e militância política. O gênero surgiu no Brasil na década de 1960, representando a resistência das histórias em quadrinhos brasileiras frente ao descaso das grandes editoras e à invasão das HQ estrangeiras, demarcando uma posição contra a ideologia do mercado editorial e contra as formas convencionais de divulgação da escrita.

Para nossa atividade, utilizamos como formato colagens de recortes de revistas e de imagens de personalidades diversas, de paisagens e de objetos que de alguma maneira trouxessem como referência o tema da negritude. Essas imagens foram separadas pela equipe do projeto, pois tínhamos poucas aulas disponibilizadas. O ideal, talvez, fosse que os próprios estudantes coletassem as imagens as quais gostariam de utilizar. A proposta era que esses recortes fossem colados em folhas de cartolina e que os estudantes construíssem alguma narrativa sobre a condição da mulher na sociedade brasileira.

A inspiração para a atividade veio da obra de Rosana Paulino, que busca coletar em objetos diversos do cotidiano considerados menores, como linhas, agulhas, pedaços de tecidos etc. – o que ela chamou metaforicamente como “costura de sentidos” (Paulino, 2011, p. 25). A artista, ao comentar sobre o significado do ato da costura em suas obras, aponta que: “A costura irá assim, alinhar sonhos, expectativas, conquistas e frustrações das mulheres negras em diferentes momentos de suas trajetórias na sociedade brasileira” (Paulino, 2011, p. 29).

Antes de propormos a atividade para os estudantes, apresentamos a artista e o contexto de algumas de suas obras mais importantes. Conectamos sua proposta artística à de Conceição Evaristo e, depois, dividimos a sala em grupo, conforme a livre escolha deles. É válido ressaltar as diversas reações dos alunos em relação a esta atividade: muitos, principalmente os meninos, encararam como uma atividade infantilizada, voltada para crianças, já que os objetos como cola, lápis de cor e canetinha, fizeram-nos revisitar atividades comuns em períodos anteriores de suas vidas escolares. O início do trabalho foi um processo um pouco lento para alguns. Além disso, a escolha das imagens, construindo um roteiro prévio, também foi um processo vagaroso, pois muitos alegavam não terem ideias sobre o que construir. Em alguns casos, observamos a resistência de alguns grupos em tocar no tema envolvendo a questão da negritude, apesar de a maioria das imagens terem o assunto como referência.

Uma chave sugerida, devido à dificuldade de conectar com o tema sugerido, foi que eles comessem a olhar as imagens e a pensar em possíveis sonhos ou expectativas para suas vidas. No entanto, muitos optaram por descrever nos *fanzines* suas memórias de infância, combinando imagens como bolas, pipas e paisagens. Sintomático, visto que esses adolescentes, de em média 16 anos, pareciam querer retratar a infância como um tempo já muito antigo. Entremeadado ao discurso saudosista, um dos temas muito abordado nos *fanzines* envolveu brincadeiras como o futebol. Muitos conectaram o esporte ao tema do racismo, já que uma das personalidades presentes nas imagens era a do jogador de futebol Vinícius Júnior, que atua na Espanha e foi vítima de racismo reiteradas vezes atuando em campeonatos europeus.

Durante a confecção dos *fanzines*, a equipe do projeto pôde conversar com os alunos e perguntar mais detidamente sobre suas vidas. Grande parte dos estudantes ficava muito tempo utilizando os celulares. No caso dos meninos, suas telas refletiam em sua maioria jogos. No caso das meninas, as redes sociais. Mas muitos narraram seus cotidianos, e pudemos acessar um pouco do perfil desses estudantes. São em grande parte trabalhadores de telemarketing, com jornada de

quatro horas por dia; outros trabalham no comércio ou são menores aprendizes. Quando perguntados sobre o que queriam fazer após a conclusão do ensino médio, poucos disseram querer ingressar na universidade. Como se pode observar, o trabalho é uma parte significativa da identidade desses estudantes, concomitantemente a outros aspectos relevantes em suas vidas.

Cada fanzine é resultado da forma quase artesanal de como os estudantes quiseram evidenciar as imagens disponíveis para sua confecção. Esta seleção de imagens, e posteriormente o roteiro narrativo que ficcionaram a partir do recorte que quiseram atribuir, denotam um exercício poético. A partir de fragmentos de imagens diversas e preciosas, remeteram desde às recentes memórias de infantes até críticas ao racismo e a violência de gênero e sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil vivencia historicamente formas hierárquicas e não igualitárias que definem relações sociais. Simultaneamente, incipientes movimentos democratizantes que lutam por maior horizontalidade nas interações e nas relações sociais emergem com potência e criatividade. Este é o caso das artes de Conceição Evaristo e de Rosana Paulino, que tensionam em suas poéticas relações raciais e de gênero cristalizadas. Por conta disso, as obras dessas artistas foram encaradas como pontos de partida para uma análise sociológica de alguns aspectos presentes na sociedade brasileira, entre eles, a desigualdade de gênero e de raça. Foi por meio dessa apropriação heurística que conseguimos acessar a criatividade dos jovens, e a capacidade da sua ação através da escrita e da confecção de pequenas revistas que destacaram e demonstraram o que estavam sentindo. Nesse sentido, como apontaram Marília Spósito e Felipe Tarábola (2017, p. 13):

A constituição de subjetividades, as formas plurais de socialização e os processos de individuação constituem, atualmente, aproximações teóricas diversas, mas importantes, para a constituição de novas perguntas de pesquisa e produção de conhecimentos no interior dos estudos sobre juventude.

Sendo guiadas pelo princípio de que a escola tenta banir incessantemente a subjetividade e o corpo de seu ambiente (hooks, 2013), nossa proposta buscou se alinhar a epistemologias alternativas que reconhecem o papel fundamental das experiências subalternizadas também como critério de verdade (Collins, 2019). Nesse sentido, ao conceber a interseccionalidade como paradigma interpretativo e epistemológico, a subjetividade pôde se tornar central nas nossas análises, deixando de ser um efeito secundário.

Além disso, a própria dimensão afetiva e subjetiva da arte contribui para esse deslocamento, uma vez que as poéticas negras, sejam elas literárias ou visuais, nos permitem disputar o imaginário, abrindo um leque de possibilidades de ver, estar e habitar o mundo, e que divergem dos ditames hegemônicos. Apesar de também ter trabalhado com uma dimensão conceitual sociológica, nossa preocupação principal era propiciar um ambiente no qual o desfrute da arte – tanto em sua dimensão de contemplação, quanto em sua dimensão ativa e produtiva, na qual os estudantes produziram seus poemas e fanzines – pudesse evocar sensações, vivências e emoções. Dessa maneira, a análise das nossas atividades realizadas deve, necessariamente, perpassar as diferentes formas de agenciamento desses jovens, evitando um olhar homogeneizante.

Assim, a partir das atividades sociológicas desenvolvidas dentro da sala de aula, as intersecções de gênero, raça e sexualidade acabaram por atravessar as emoções e os temas trabalhados pelos estudantes. Amores que eram vistos pela família como “fruto do pecado”; a escola idílica em que não havia racismo; a denúncia da violência racial no futebol, e, ao mesmo

tempo, estudantes que relutavam ou despercebiam sua própria negritude; a desesperança, o tédio e a ausência de vontade de viver são posicionadas pela classe e pela falta de horizonte de alternativas.

Com isso, o que quisemos ressaltar aqui é a importância da disciplina de sociologia no ensino básico, especialmente quando articulada às potencialidades que as novas epistemologias possibilitam à produção de novas juventudes. Essas, por sua vez, possibilitam trocas afetivas, reconhecendo a escola, a rua, a praça e, enfim, todos os espaços habitados pela juventude, como lugares onde se fundem e se tensionam subjetividades.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete. Crianças e guerra: as balas perdidas! *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 1-14, jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/childphilo.2020.48358>.
- A COSTURA da memória - Rosana Paulino. [S. l.: s. n.], 4 fev. 2019. 1 vídeo (32 min). Publicado pelo canal Celia Antonacci. Disponível em <https://youtu.be/uNEIJArBdKw?si=vqx9ya4Z8pmL8ca>. Acesso em 11 fev. 2025.
- AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Retomada de um legado: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 11-33, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702005000200002>.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 30 maio 2025.
- CAMPT, Tina. Black Visual Frequency: A Glossary. *Black Visuality*, [s. l.], 08 ago. 2018. Disponível em <https://www.fotomuseum.ch/en/2018/08/08/black-visibility/>. Acesso em 05 fev. 2025.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade E Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006>.
- CORTÊS, Cristiane. Diálogos sobre escrevivência e silêncio. In: DUARTE, Constância; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário (org.). *Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Editora Idea, 2018. p. 51-60.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2018.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2010. p. 132-142.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHEINDER, Liane (org.) *Mulheres no Mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Editora da CCTA, 2020. p. 219-229.
- FAYET SALLAS, Ana Luísa; MEUCCI, Simone. "O melhor medo da minha vida" - emoções nas ocupações estudantis. *Linhas Críticas*, [s. l.], v. 27, p. e36528, 2021. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/36528>. Acesso em 7 jun. 2025.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrevivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 58-73.

- FORACCHI, Marialice. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque. Introdução. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.) *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 38-50.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.
- LORDE, Audre. *Irmã Outsider: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- PAULINO, Rosana. *Imagens de sombras*. 98 f. Tese. (Doutorado em Artes Visuais), Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- MAGALHÃES, Henrique. *O que é fanzine*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- SACRISTÁN, José Gimeno. *O Aluno como Invenção*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- SANTOS, Elisângela da Silva; LOPES, Manoel Messias Rodrigues; PINTO, Suely Lima de Assis. Poéticas visuais da contemporaneidade: gênero e sexualidade para o contexto escolar. *Horizontes*, [s. l.], v. 40, n. 1, p. e022030, 2022. Disponível em <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1329>. Acesso em 07 jun. 2025.
- SETTON, Maria da Graça; OLIVEIRA, Mirtes Marins de. Os museus como espaços educativos. *Educação em Revista*, [s. l.], v. 33, p. 1-23, 2017. Disponível em <https://www.scielo.br/j/edur/a/SfB5b6yVHgCjktwVdXJ6x7Q/?lang=pt>. Acesso em 07 jun. 2025.
- SCHULZE, Peter. Das avós: O arquivo fotográfico oitocentista na prática imagética de Rosana Paulino. *Iberoamericana*, [s. l.], v. 23, n. 84, p. 57-84, 2023. Disponível em <https://journals.iai.spk-berlin.de/index.php/iberoamericana/article/view/3059/2563>. Acesso em 07 jun. 2025.
- SILVA, Denise Ferreira da. *A dívida impagável*. São Paulo: Oficina de Imagem Política e Living Commons, 2019.
- SHARPE, Christina. *No vestígio: negridade e existência*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- SPÓSITO, Marília Pontes; TARABOLA, Felipe de Souza. Entre luzes e sombras: o passado imediato e o futuro possível da pesquisa em juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, [s. l.], v. 22, n. 71, p. e227146, 2017. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vfBc8tYbPhHQkVwLB6QKC7B/?lang=pt>. Acesso em 07 jun. 2025.
- TORRES, Maria Eduarda. *A escrivência de Conceição Evaristo: possibilidades epistemológicas e pedagógicas para um ensino-aprendizagem de sociologia para a juventude*. 78 f. Trabalho de conclusão de curso. (Bacharelado em Ciências Sociais), Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Marília, 2023.

Submetido em 03 de março de 2025
Aprovado em 31 de maio de 2025

Informações das autoras

Elisângela da Silva Santos
Ciências Sociais - Unesp/FFC – Marília
E-mail: elisangela.s.santos@unesp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2401-9999>
Link Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8298974975510286>

Rubens Arley de Almeida Junior
Ciências Sociais - UNESP/FFC – Marília
E-mail: arley.almeida@unesp.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2459-657X>
Link Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4228109240572710>

Gabriela Mariah Nascimento de Souza
Ciências Sociais - UNESP/FFC – Marília
E-mail: gabriela.mariah@unesp.br
ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9100-0283>
Link Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9400203121521709>